

Prefácio

Em 1940, na sua tese de Licenciatura em Ciências Geográficas, intitulada *O Esforço do Homem na Bacia do Mondego*, Alfredo Fernandes Martins não se preocupou directamente com os socalcos. Muito preocupado com a problemática das inundações na planície aluvial do Mondego a jusante de Coimbra, acabou, todavia, por falar deles através de citações que fez da «Memoria sobre os danos do Mondego no Campo de Coimbra e seu remédio» escrita por Estêvão Cabral, em 1791.

Dessa «Memoria», aquele que veio a ser o mais importante Professor de Geografia Física da Escola Geográfica de Coimbra transcreveu parte de um dos alvarás da época que proibia as culturas nas vertentes, alvarás contra os quais este famoso padre e engenheiro do século XVIII então se insurgia:

«Todos os montes (...) que façam face ao Mondego, ou a outro qualquer rio, ou ribeira, que nele venham desaguar, todos eles não devem ser semeados, nem lavrados, nem cavados, nem mesmo, digo, para a parte dos rios se lhes devem abrir pedreiras... Depois de passado o tempo das grandes cheias, aquela terra que tiver sido trazida pelas águas, deve ser imediatamente conduzida para as coroas dos montes (...) façam-se nas costas das ladeiras socalcos para semear bosques (...) não se abram pedreiras nas faces que botam para o Mondego» (p. 196).

A propósito destas palavras, em nota infrapaginal, Fernandes Martins transcreveu, igualmente da «Memoria» um longo texto de Estêvão Cabral, donde extraímos o que respeita aos socalcos aconselhados pelos poderes públicos:

«Façam-se (...) nas costas das ladeiras socalcos para semear bosques. Pergunto: Quantos socalcos em cada monte e em cada ladeira; e à custa de quem se hão-de fazer e se hão-de semear? À custa do campo do Mondego interessado, ou à custa dos donos que não têm nisso interesse? Eu não sou inimigo dos socalcos; e prouvera a Deus que os introduzissem, e se fabricassem amiudados em todas as ladeiras para benefício da Agricultura: mas socalcos para semear bosques incultos em toda uma vasta Província, que quase não consta senão de Montes, e de ladeiras, muitas vezes com meia légua de precipitosa descida; esta sim, que me parece cousa nova e inaudita» (p. 197).

Estava bem definida a questão dos socalcos da Bacia Hidrográfica do Mondego, bacia na qual se enquadra a área estudada neste livro – a sua construção era importante para evitar o transporte de carga sólida até aos campos do Mondego, mas era talvez bem mais importante para a agricultura do que para a plantação de bosques.

Duas fotografias com socalcos foram incluídas por Fernandes Martins neste seu primeiro trabalho – a 125, intitulada «Um aspecto de terrenos cultivados nas proximidades de Alvoco das Várzeas. Cultura em socalcos» e a 126, com uma legenda que não os refere, apesar de bem visíveis, «As terras de cultura, na serra da Lousã, dispõem-se em volta das povoações, como se vê à esquerda. Talasnal, Lousã».

No mesmo ano da Licenciatura de Fernandes Martins (1940), Amorim Girão, seu Professor, publicou uma notável *Geografia de Portugal*. Vinte anos depois, em 1960, na terceira edição desta obra, a que acrescentou o estudo das Ilhas Adjacentes, nem a propósito de uma belíssima fotografia da Loriga (Estampa XLIII, p. 266) falou dos socalcos que embelezam o quadro paisagístico. Na legenda dessa fotografia pode ler-se:

«Loriga – Serra da Estrela. Típica ‘povoação de dorsal’. Nas regiões mais acidentadas, onde as torrentes se despenham com fragor, os povoados evitam os vales profundos e estendem-se ao longo das arestas de relevo que descem pelas encostas».

Quando, mais adiante, trata das «formas de exploração agrícola», também não os refere no texto. Embora apresente uma fotografia com socalcos em grande plano, coloca apenas como legenda «Vindima (Alto Douro)».

Vivendo perto de uma área em que os socalcos apareciam como uma realidade viva, espalhada um pouco por todo o lado, a sua importância era tão óbvia para Amorim Girão que não lhes dava qualquer tratamento específico.

O mesmo não se passou com Orlando Ribeiro, Professor e Investigador de Geografia Física e de Geografia Humana, fundador do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa (1943), depois de se ter iniciado na vida universitária em Coimbra (1941/1942). Sensível aos mais variados pormenores da Geografia de Portugal, no seu *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, com primeira edição em 1945, Orlando Ribeiro refere os socalcos, embora ainda muito rapidamente, no contexto da fuga da população à «água estagnada» das terras baixas.

Dizia então: «os calores estivais geram as febres palustres, que afugentaram a população para as vertentes dos montes. Aí, há que lutar com o pendor das encostas e o ímpeto das torrentes e enxurradas. Numa grande obra de paciência, edificam-se escadarias de murozinhos que sustêm a terra. São os socalcos por onde se faz descer a água de rega, de cima a baixo da encosta» (p. 13-14, da segunda edição, 1963).

Só em 1955, no conhecido *Portugal*, Tomo V da *Geografía de España y Portugal* de Manuel de Terán, Orlando Ribeiro se refere abertamente aos socalcos:

«Los bancales, con los que se quiebra la pendiente de las laderas y se retiene la tierra arable, constituyen un aspecto muy marcado en todos los paisajes del Noroeste y de la Beira. Estas admirables construcciones, que escalan intrépidamente las sierras hasta los 700 u 800 metros de altitud, exigen un esfuerzo penoso y vigilante: porque las arroyadas de un invierno más lluvioso abren en ellos grandes surcos, por donde toda la obra desmoronaría si no fuese reparada rápidamente. También se practica aquí un riego por el procedimiento de los pozos y canales en niveles sucesivamente menos elevados, de modo que el agua, recogida en la cabecera del barranco, fertiliza y corre de la cumbre hacia abajo» (p.168).

Umás páginas atrás, apresentara duas fotografias de socalcos no Alto Douro, uma, representando a sua construção, outra, mostrando-os já com vinhas bem desenvolvidas. A primeira dessas fotografias é profundamente elucidativa quanto à vulnerabilidade introduzida pelo homem que, só por si, exige a manutenção cuidadosa destas vertentes artificiais – lá onde estava rocha, fracturada, passa a estar rocha solta, fragmentada, às vezes, moída, e solo, o que é o mesmo que dizer, passa a estar muito mais material facilmente transportável por agentes erosivos.

O livro que agora se apresenta, para além do seu elevado grau de originalidade no contexto dos estudos sobre riscos ditos naturais, dá-nos a conhecer não só os socalcos da bacia hidrográfica do Alva, com todo o seu esplendor e todos os problemas que a eles se ligam, mas também outros elementos do património natural e do património cultural desta área incluída nas serras de xisto da Cordilheira Central, serras que foram tema de tese de doutoramento em Geografia Física de Luciano Lourenço. Quem melhor do que Luciano Lourenço poderia coordenar a equipa que realizou este trabalho integrado no Programa

TERRISC? Quem melhor do que ele poderia propor um verdadeiro plano de prevenção de riscos de incêndios florestais e de riscos a eles associados que passa pelo desenvolvimento regional baseado no turismo? O conhecimento científico e o amor pela região, juntos, explicam o livro.

Coimbra, 30 de Setembro de 2006

Fernando Rebelo

Professor Catedrático de Geografia Física da
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e
Consultor Científico do Terrisc